

A DIFUSÃO DO TRABALHO LITERÁRIO DE RAQUEL NAVEIRA

Josenia Marisa Chisini*

1 - BREVE BIOGRAFIA SOBRE A ESCRITORA E ANÁLISE DE SUAS OBRAS

Raquel Naveira nasceu em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, em 23 de setembro de 1957. Formou-se nas Faculdades de Direito e Letras da antiga FUCMT, hoje UCDB (Universidade Católica Dom Bosco). Leciona nos cursos desta instituição, como também ministrou a disciplina de Literatura Portuguesa na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Possui uma experiência cultural notável, tem conhecimentos das literaturas e das línguas latina e francesa. Colabora assiduamente nos meios culturais, educacionais e artísticos de Campo Grande e em todo o centro-oeste.

Raquel Naveira ocupa a cadeira número oito da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Durante os anos em que o Dr. Elpídio Reis foi presidente dessa instituição, a escritora participou das programações intituladas “Conversando Sobre”, supervisionadas por mim. Nesta pesquisa desejo conservar a memória artística dessa escritora. No livro *Academia: Jubileu de Prata*, editado em 1996, o Dr. Elpídio registrou a contribuição desses encontros para a sociedade e para Academia de Letras, sobretudo, dispondo a galeria atual dos acadêmicos, representando suas respectivas cadeiras¹.

* Professora de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. Doutoranda em Teoria Literária e Literatura Comparada pela UNESP/ Assis-SP.

Até o momento, Raquel editou 15 obras literárias, o seu primeiro trabalho, *Via Sacra*, apareceu em 1989, cuja edição foi feita de maneira independente pela escritora. A partir dessa data, anualmente uma obra surge, demarcada por uma fonte inesgotável de criatividade. Entre os anos de 1996 e 1997 a fecundidade literária redobra e quatro obras são lançadas.

A maneira moderna de compor os textos, os conteúdos temáticos, o imaginário consistente com impregnações de valor estético concretizam-se na *Fiandeira* de 1992. A narrativa em prosa apresenta a matéria vertente da composição poética, isso porque a forma dos textos demonstram a diluição dos gêneros literários fixos. Subjaz nessa obra um veio ensaístico, que beira ao recontar analítico das coisas. A fiandeira dá-se pelo eu autoral que fia passagens literárias entre as formas da prosa e da poesia.

Com essa proposta de sutil refinamento verbal da palavra, acresce-se a preocupação com o visual estético dos textos, no qual a comunicação discursiva vai em busca da potencialidade gráfica, fazendo com que o processo de leitura tenha um alargamento narrativo, por meio do uso da linguagem plástica das figuras. *Caraguatá* de 1996 e *Pele de Jambo*, também de 1996 trazem essa marca da injunção ilustrativa ao texto verbal. O primeiro livro traz a força movente dos poemas, conteúdos inspirados no cenário belicoso da Guerra do Contestado, cujo prefácio de Ruy Miranda oportuniza introduzir o tema histórico, o motivo litigioso da guerra entre os Estados de Santa Catarina e Paraná. A vertente literária regional, tão cara às lembranças da escritora, ocupa uma participação ideológica, histórica dentro do contexto nacional, ela realiza o diálogo entre o regional e o local, unidos por uma poética documental. *Caraguatá* recebeu as ilustrações de Poty (Napoleon Potyguara Lazzarotto) gravurista paranaense, de renome internacional, que também deixou para a Literatura Brasileira uma tradução visual enriquecedora nas obras de Guimarães Rosa, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Manoel de Barros e de outros escritores.

¹ REIS, Elpídio. *Academia*: jubileu de prata, 1996, p. 45-6 e 58.

Em *Pele de Jambo*, o espaço regional vai ao encontro de uma cidade entre a fronteira de Mato Grosso do Sul com o Paraguai e o centro espaço-temporal ocorre em Bela Vista. As fronteiras do imaginário literário interpenetram-se, fazendo com que o passado confunda-se com o presente, para que a personagem Ruth possa revisitar, refletir e deixar através da sua infância, mensagens da sua cultura e da sua existência. Esse trabalho literário também recebe cuidados plásticos, através das ilustrações de Raquel Lourenço.

A atividade de pesquisa revela-se na dedicação literária de Raquel, no texto *Guerra Entre Irmãos* de 1993, que demonstra o escavamento memorialístico adentrando-se nos vultos e passagens históricas e estes ganham construções versificadoras. O amadurecimento artístico da escritora expõe-se no manejo da fonte épica, que contracena numa linguagem comovida. O eu poético sonda passagens históricas e ganha com isso uma representação de valores dramáticos, lembrando a herança lusíada camoniana, que dá a coexistência dos gêneros dramático, lírico e épico. *Guerra Entre Irmãos* informa ao leitor a tragicidade vivencial de uma guerra que envolveu Brasil e Paraguai, onde o Mato Grosso do Sul tinha sido também Paraguai.

A religiosidade é outro tema recorrente nas obras de Naveira, atingindo a universalidade, quando os emblemas divinos, cristãos, judaicos desdobram-se em efeitos poéticos, unidos sob a cúpula paterna da obra *ABADIA* de 1995 e que foi muito comentada nos meios culturais nacionais. Com um prefácio de Olga Savary, o trabalho assume uma capacidade eloqüente no trato das questões, dos temas, das imagens do passado e dos simulacros religiosos. Os poemas de *Abadia* revigoram, reapresentam recriadamente os objetos sagrados, a estatuária divina dos eventos bíblicos. A escritora liga o espaço-temporalidade pagã ao cultivo da natureza bucólica, ao “*locus amoenus*”, à vida cristã, com o símbolo do “Cajado, da Ovelha e da voz contempladora da poética Juana Inês de la Cruz”. O sagrado, o profano, o místico e o mítico são subtemas que emprestam valores metafóricos aos poemas, reunidos para a fruição espiritual do leitor.

Nessa vertente em que jorra o tema do sagrado, *Canção dos Mistérios* de 1994 traz uma linguagem musicada pelo tom murmurante das vozes, unidas em prece, que percorrem as contas do rosário, entremeadas pela reflexão dos mistérios, baseados no livro do Evangelho de São Lucas. *Sob os Cedros do Senhor* segue o rastro temático do veio espiritual, porém ganha uma nova face - a participação temática das etnias, a árabe e a armênia em Mato Grosso do Sul. Esse trabalho tem o prefácio de Deonísio da Silva e as palavras elogiosas de Jorge Amado à Raquel. Estas são utilizadas como epígrafe para referencializar ocorrências contextuais entre as obras *A América Descoberta Pelos Turcos* e *Sob os Cedros do Senhor*. Os conteúdos emblemáticos deste texto conduzem o cotidiano, que é revivido, recortado em retratos. A tradição árabe e armênia, seus costumes, a vida comercial, os objetos estão carregados de significâncias, ora aculturadas, ora preservadas na cidade de Campo Grande e também no Estado de Mato Grosso do Sul. A fonte luminosa literária lança um jogo de imagens impressionistas, a musicalidade é composta na escolha de palavras, transmitidas pelas cores vibrantes dos objetos, das cenas enfocadas. A sinestesia corporifica-se no ato descritivo, engendrada nos aspectos multiculturais da sociedade local campo-grandense e esta ganha proporções universais. A inserção da arte torna-se artefato nos “Móveis, Atriz, Fotógrafo, Tapete Persa”, versos que circunscrevem uma poética sobre o cotidiano, elemento bastante sinalizado nas escrituras de Naveira.

Nesse rastro de ligações entre as artes plásticas e a arte literária, os textos de *Intimidades Transvistas* de 1997, lançado na Ática Shopping Cultural é um trabalho poemático que ilustra quadros de Valdir Rocha por 20 poetas, dentre os quais estão: Renata Pallotini, Jorge Mautner e Ives Gandra Martins.

A preocupação pelo fazer literário recebe reflexões em *O Arado e a Estrela* de 1996, um texto que tem o vigor de cunho biográfico, porque a escritora revela a sua formação, as influências culturais literárias e intelectuais. Novamente a linguagem em prosa introduz a matéria-prima para os conteúdos na forma poética. Uma polifonia de vozes discursivas fazem com que esse texto produza uma sugeridora demonstração de intertextualidade e interdiscursividade. Passagens

poéticas são trazidas de Cecília Meireles, João Cabral de Melo Neto e outros poetas, que emprestam suas vozes aos versos de Raquel. O livro também tem valor didático, serve para ensinar, isso porque virtualiza a maneira de transmitir uma mensagem teórica, por caminhos diferentes. Sem uma definição clara, o livro, por conter também passagens ensaísticas, obteve a ressalva, de “ensaios”.

Na verdade, o próprio conjunto dos textos não consegue sustentar esse rótulo, já que a autora é uma artista que trabalha o sentido das palavras, os conteúdos dos temas e assuntos, trazendo sua própria experiência testemunhal, portanto biográfica. A fatura dessa elaboração é dada às meditações da escritora pelos espaços e reflexões universitárias. É uma revelação interativa do processo literário apropriando-se da memória intelectual, surgindo um saber poético de procura heurística. As fontes de impregnação cultural de Raquel expõem-se, não de uma maneira auto-referencial, mas sim recriadora, verificável na própria hibridização textual - no trabalho ensaístico construído em prosa-poética. A forma discursiva tem o sentido inovador, quando não estão determinados os gêneros literários, porque experienciam oscilações, modulações do pensamento/emoção, enquanto criação - portanto *O Arado e a Estrela* é uma amostra que concretiza a relação do ficcional, do poético, do ensaio na crítica literária. Desse modo, Raquel demonstra estar atenta, consciente aos processos da construção da linguagem moderna.

Casa de Tecla de 1998 parece ser a obra que até o momento melhor celebra o apuro intelectual, estético e emotivo da escritora. Isso porque atinge um amadurecimento superior, traz potencialidades ao leitor, que pode desfrutar de uma multiplicidade de significâncias e leituras. A tradição lusa, inclinada aos relatos de viagens comparece na organização das imagens da poética dessa escritora. O fundo comum dos temas, cânones, mitos e simulacros da Literatura Universal, transitam recriadoramente na confluência com as artes plásticas, quadros, pintores, locais, acervos. A *Casa de Tecla* possui poemas que alcançam dimensões universais, porque a casa abriga uma multiculturalidade, liga nações, dilui fronteiras de saberes e artes. A intertextualidade lapida-se nas percepções, na sensibilidade de captar momentos primordiais e investi-los em formas, conteúdos líricos com grande valor expressional.

Ana Zahran (campo-grandense) traz suas delicadas micro-iluminuras em cores vivazes, contrastantes, revelando-se numa dança que movimenta imagens minudentes. Os quadros/cartões introduzem e enfeitam os textos, as divisões temáticas distribuídas em *Casa de Tecla*. Vê-se um rendilhado de objetos fiados nas tramas tecidas pelo olhar metucioso, alegre da alma criadora da pintora.

2 - A RECEPÇÃO DO TRABALHO LITERÁRIO DE RAQUEL E O SEU ACOLHIMENTO NO PÚBLICO

Na entrevista de 1994 à Revista *West*, de Campo Grande, a escritora informa que o processo de recepção de suas obras veio desde as primeiras publicações - *Via Sacra* e *Fonte Luminosa*, de 1989 e 1990, quando a imprensa local noticiou e o Jornal *Verve* do Rio de Janeiro estabeleceu esses contatos com a poeta, divulgando os trabalhos.

O reconhecimento valorativo literário constatou-se na publicação da terceira obra - *Nunca-Te-Vi* de 1991, merecedora do prêmio “Jacaré de Prata”, concedido nesse ano pela Secretaria de Cultura e de Esporte de Campo Grande. Em 1994 Jorge Amado saúda o livro de Raquel dizendo: “*Belos poemas de Sob os Cedros do Senhor. Gostei de ler ‘Na Casa Libanesa / Havia um tapete persa’ ou ‘São Jorge / Grande mártir / Guerreiro lutador - o mundo oriental que sinto tão próximo’*”².

Dentre várias premiações, Raquel recebeu 14 prêmios, dos quais destaco:

1º Lugar Concurso Nacional de Poesia e Prosa Zumbi, em Salvador - Bahia, no ano de 1995;

Indicação dos poemas de *Abadia* para o prêmio “Jabuti” da Câmara Brasileira do Livro, no ano de 1996;

² *Sob os cedros do Senhor*, p. 7.

Menção honrosa no prêmio Alejandro J. Cabassa, Categoria poesia, com o livro *Caraguatá*, concedido pela União Brasileira de Escritores, no Rio de Janeiro em 1998.

Dentre as inúmeras apreciações críticas, notícias, biografias, citações e resenhas estão 25 registros, dos quais retiro:

Sob os Cedros do Senhor é motivo de citação e inspiração para o romance de Ana Miranda AMRIK, de 1997, editado pela Companhia das Letras. A influência é vista na página 193 do referido romance.

A obra poética de Naveira é incluída na *Antologia da Nova Poesia Brasileira*, organizada por Olga Savary, editada pela Fundação Rio / Rio Arte em 1992.

O ingresso de Raquel no cenário literário nacional, torna-se ainda mais expressivo, quando Assis Brasil organiza a *Antologia A Poesia Fluminense no Século XX* editada pela Imago, no Rio de Janeiro em 1998 e emite opiniões críticas. Os poemas e a biografia da escritora aparecem na Revista *Caras*, na edição 153, ano 3, nº 41 de 1996. Na França, em Grenoble, a Revista *Taira*, da Universidade Stendhal coloca na publicação de 1996 o poema **Lavoura**, retirado do livro *Nunca-Te-Vi*. No Rio Grande do Sul, em duas oportunidades os livros e os poemas de Raquel são registrados na Revista Literária *Blau* de Porto Alegre, nos números 19 e 20, do ano de 1998.

Em Campo Grande, no *Correio do Estado*, durante vinte anos foram publicados os poemas de Naveira. Seus trabalhos literários receberam análises, citações dos professores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. A obra *O Arado e a Estrela* foi objeto de análises de minha parte, demonstrando como o ensaísmo torna-se poético e tem a forma da escrita hibridizada, ao “*unir formas, gêneros literários, revelados numa combinação de elementos vivos trazidos da realidade, aliados à eficácia da poética*”³. Cezar Augusto Benevides, professor

³ O Arado e a Estrela - Prosa, Poesia - Recriação. *Correio do Estado*, Campo Grande-MS, p. 4, 16 abr. 1997.

de História, salientou a importância da convergência do fato histórico na obra literária, comentando sobre o livro *Guerra Entre Irmãos*:

“(...) o que chama atenção é Raquel Naveira não ter se deixado levar pelos lugares-comuns das versões simplistas, contornando os obstáculos, estudando com rigor e método os personagens e acontecimentos históricos. Foi por esse viés sinuoso e difícil que a poetisa campo-grandense atingiu simultaneamente a dramaticidade humana e a amplitude universal do conflito, em um livro que certamente ficará para sempre”⁴.

Merece destaque a matéria extensa realizada por José Nêumane Pinto, jornalista ativo na mídia nacional, que no jornal **Opção Cultural** dedicou análises sobre a vida literária da escritora, deixando elogios através do instigante título *Raquel Naveira - Os Farellos do Sagrado*, de onde recorto o comentário: *“O que me seduziu, desde a primeira leitura da obra poética de Raquel Naveira, foi, em primeiro lugar, a intimidade de alcoviteira que ela estabelece com o leitor. Seu tom é sempre murmurante, nunca altissonante. Seu verso farfalha como seda e cochicha, nunca se impondo aos gritos. A história para ela, é uma espécie de amiga de infância”⁵.*

O texto *ABADIA* recebeu uma resenha bastante detalhada de Roberto Pontes, professor da Universidade Federal do Ceará. A publicação ocorreu na revista da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro - **Poesia Sempre**, que contém os seguintes referenciais poéticos: *“Os títulos dados aos poemas por Raquel Naveira são esclarecedores. (...) Momentos há que a expectativa de fusão com o Absoluto é tanta, que o fervor místico assume sua dimensão erótica, tal qual encontramos também em San Juan de la Cruz e Juana Inês de la Cruz”⁶.*

⁴ *Correio do Estado*, Campo Grande-MS, 15 jul. 1998.

⁵ PINTO, José Nêumane. “Raquel Naveira - os farelos do sagrado”. In: *Opção Cultural*, Goiânia, ano 4, n. 199, 12-18 jul. 1998.

⁶ PONTES, Roberto. “Abadia”. In: *Poesia Sempre*, ano 4, n. 7, p. 349-350, jul. 1996. Resenha.

3 - DIFUSÃO LITERÁRIA E ATIVIDADES CULTURAIS

A escritora dedica-se constantemente em atividades participativas, nas quais ministra palestras, frequenta congressos universitários, associações de escritores, envolve-se com linguagens televisivas, concedendo entrevistas sobre suas obras, artes e literatura. Tem sido lembrada e encenada dentro das representações teatrais e performances. Em 1996 Raquel participou do **Encontro de Escritores do Mercosul**, no “Memorial da América Latina”, em São Paulo. Foi convidada pelo **PEN Clube do Brasil** (Poesia, Ensaio, Novela) no Rio de Janeiro no dia 14 de maio de 1996, onde falou sobre a Literatura Sul-Mato-Grossense. Na “Biblioteca Mário de Andrade” em 9 de setembro de 1996, proferiu a palestra intitulada **A Obra Poética de Raquel Naveira**, na oportunidade foi entrevistada pelo jornalista José Nêumanne Pinto, que demonstrou ser um leitor crítico dessa escritora. Em 1992, por ocasião do lançamento do texto *Fiandeira*, em São Paulo, Raquel fez uma palestra na UBE (União Brasileira de Escritores).

A Televisão Educativa, em Cadeia Nacional, através do programa **Sem Censura**, realizou entrevista com Raquel no dia 30 de agosto de 1995, na mesma ocasião o livro *Abadia* estava sendo lançado na **Bienal do Livro** no Rio de Janeiro.

Assiduamente a escritora comparece dando entrevistas, participando de eventos nas TVs locais de Campo Grande. Recentemente o livro *Casa de Tecla* foi motivo de divulgação nos programas: **Variiedades** da TV Morena, **Tribo Verde** da TV Educativa e também no Canal Rural da TVE.

No cinema o livro *Caraguatá* foi transformado em curta-metragem, sob direção de Célio Grandes, estrelado pela atriz Christiane Tricerri, eterna musa de Cacá Rosseti. O trabalho teve sua estréia no dia 22 de agosto de 1997, às 22 horas, no **8º Festival Internacional de Curtas** de São Paulo.

Na **Internet** os poemas da escritora podem ser encontrados

no *Jornal de Poesia*, organizado por Soares Feitosa, no “site”: <http://www.secrel.com.br/jpoesia>.

Nos meios acadêmico-universitários a obra de Raquel foi tema de trabalhos monográficos, sob o título: “Raquel Naveira: Uma Alma na Fronteira”. Esses estudos de 1994 vinculam-se ao Pós-Graduação em Língua Portuguesa, cujas autoras são: Eloísa Arantes da Rosa e Elaine Barbosa de Alencar das Faculdades Integradas São Gonçalo - Associação Salgado de Oliveira do Rio de Janeiro. No momento as obras de Raquel Naveira são objeto de dissertação de Mestrado de Arlinda Cantero Dorsa, a ser defendida na Universidade Mackenzie de São Paulo.

4 - LEVANTAMENTO DAS CORRESPONDÊNCIAS RECEBIDAS PELA ESCRITORA

Para documentar a receptividade da obra de Raquel Naveira, o seu acolhimento na vida cultural e intelectual brasileira, como também no estrangeiro, fui aos guardados das suas correspondências, que somam centenas de papéis. Selecionei 40 documentos, distribuídos em cartas, cartões, bilhetes, recebidos de renomados artistas, escritores, intelectuais, órgãos administrativos e institucionais. Diante desse significativo acervo coletei algumas passagens, transcrições, que são vozes testemunhais, que ora transcrevo.

De Antonio Houaiss, filólogo, escritor e tradutor, referindo-se à *Casa de Tecla*: “Reconheço-lhe sua capacidade verbal e mental e sou-lhe por isso muito grato” (07/06/1998). Da Editora Civilização Brasileira, através do seu editor, crítico Ênio Silveira aparecem estas palavras: “*Guerra Entre Irmãos* revelou-me uma criadora força de tocante sensibilidade e de notável técnica. (...) Campo Grande pode e deve rejubilar-se com a existência em seus limites de dois poetas substantivos: Manoel de Barros e Raquel Naveira” (19/03/1993).

Da Academia Brasileira de Letras, veio a mensagem de agradecimento de Nélida Piñon, elogiando um poema de Raquel (5/10/1995). Lygia Fagundes Telles, que tem uma maneira comovente de lidar com as pessoas, tornou-se íntima de Raquel, quando além de ler as obras da escritora campo-grandense, deixou num cartão a sua opinião: “Sim, gostei muito de sua entrevista que me pareceu original e verdadeira”. Lygia refere-se à entrevista de Raquel, publicada no **Jornal Opção**, de Goiânia em 5 de fevereiro de 1995.

Em 1995, Cleonice Berardinelli, uma das grandes pesquisadoras da Literatura Portuguesa, professora da UFRJ, envia um bilhete com a seguinte mensagem sobre a obra *Abadia*: “*Fiz uma pausa nos afazeres - que são muitos - e li seus versos. Foi um intervalo prazeroso*”. Bárbara Freitag Rouanet (esposa do então embaixador Sérgio Paulo Rouanet) envia de Berlim: “*Parabéns por sua obra! Gostei muito da sensibilidade inter - e transcultural q. [que] seus poemas revelam*” (8/02/96). A vontade de conhecer e ouvir pessoalmente a poetisa vem num registro de carta, enviada pelo jornalista da **Folha de São Paulo**, Bernardo Ajzemberg (9/09/96).

No elenco das correspondências aparece a ensaísta e crítica de Literatura, Leyla Perrone-Moisés, que comenta: “É muito bom lembrar que há outros Brasis fora do eixo Rio - São Paulo. E precisamos de muitos poetas para reciclar o lixo que nos afoga” (26/05/97). O escritor gaúcho Moacyr Scliar enviou o seguinte elogio sobre o livro *Caraguatá*: “Recebi seu livro de poemas: **Caraguatá**. Vou ler devagar para curtir” (28/10/1996). Nesse curso do levantamento das missivas, o escritor Arthur da Távola, em 1997, num telegrama dirige sua mensagem à Raquel: “Como é possível produzir tanto e tão bem... Ensine-me o segredo. *O Arado e a Estrela* são ensaios ou crônicas... Importa que ótimas. Prefiro lê-lo como crônica. Assim o gênero ganha mais uma cultora. Parabéns”.

Fábio Lucas, crítico e historiador social da Literatura Brasileira mostrou-se muito interessado em obter maiores informações sobre a escritora, porque tinha lido uma entrevista no **Correio do Estado**. A carta é elogiosa, dizendo que Raquel soube dar atenção de romance

à obra *Sob os Cedros do Senhor*, visto que ela “explora bem a nossa tradição árabe-luso-judaica” (18/06/1995).

Para que o levantamento das correspondências tenha uma maior abrangência, colhi nomes que bem documentam leituras feitas nas obras de Raquel, endossando o elenco, estão os seguintes intelectuais, escritores, artistas e instituições: Nelson Verneck Sodré, Renata Palottini, Ecléa Bosi, Silvio Elia, Ana Miranda, José Paulo Paes, Mário Pontes, Marco Lucchesi, Josué Montello, Ives Gandra da Silva Martins, Silvia Bojunga, Antônio Guedes Campos (Lisboa), Judith Grosman, Plínio Doyle (Biblioteca Fundação Casa Rui Barbosa), Luciana Stegagno Picchio (Roma), José Arthur Rios (PEN Clube, Rio de Janeiro), Antonio Fantinato, Lélia Parreira Duarte, Helena Kolody, Mansour Challita (Presidente da Associação Cultural Internacional Gibran), Elvo Clemente, Danilo Gomes (Academia Mineira de Letras), Nora Ronderos (Santafé de Bogotá - Colombia - Embaixada do Brasil - Setor de Imprensa e Divulgação), Enilda Pires, Betty Milan, Arthur Nestrovski, Olga Savary, Nelly Novaes Coelho, Evanildo Bechara, P. Félix Zavattaro (Universidade Católica Dom Bosco) e Arnaldo Niskier.

Como podemos apreciar nesta pesquisa, a trajetória literária de Raquel Naveira é uma construção contínua, não pára, ganha consistência ascendente, registrada em documentos, conexões históricas com a Literatura Brasileira. A produção da escritura é elaborada com a voz do Estado de Mato Grosso do Sul, que tem colocado no mercado artístico valores genuínos, ou mais, matéria literária que verte a originalidade e sobretudo tem competência de um fazer criativo invulgar. O local redimensiona o regional, que vai entredialogando com espaços, eventos, contextos nacionais, cujas confluências são potências de envolvimento e alcance universal.

As letras brasileiras, através de Naveira, ganham penetrações editoriais estrangeiras, que receberão brevemente uma *Antologia Brasileira*, na qual constará a obra dessa escritora. Esta será coordenada e traduzida na Espanha, em Barcelona, por Xosé Lopes Garcia (*sic*). Na França, em Nantes, a coordenação e a obra de Raquel será feita por Jean-Paul Mestas, na revista *Jalons*.

Certamente a obra dessa escritora será descoberta na Europa e merecerá uma considerável divulgação, sobretudo porque alcançará o público/leitor ávido, curioso por conhecer o que se produz intelectualmente, artisticamente no cenário ecológico do Pantanal.

5 - PUBLICAÇÕES DE RAQUEL NAVEIRA

Via Sacra. Campo Grande : Sergraph, 1989.

Fonte luminosa. São Paulo : Massao Ohno, 1990.

Nunca-te-vi. São Paulo : Estação Liberdade, 1991.

Fiandeira. São Paulo : Estação Liberdade, 1992.

Guerra entre irmãos. Campo Grande : Gráfica Rui Barbosa, 1993.

Sob os cedros do Senhor. São Paulo : Scortecchi, 1994.

Canção dos mistérios. São Paulo : Paulus, 1994.

Abadia. Rio de Janeiro : Imago, 1995.

Mulher Samaritana e Maria Madalena. Aparecida-SP : Santuário, 1996. (Coleção Figuras Humanas).

Caraguatá. Dourados : Fundação Cultural R. Sovierzoski, 1996.

Pele de jambo. Belo Horizonte : RHJ, 1996.

O Arado e a estrela. Campo Grande : Universidade Católica Dom Bosco, 1997.

Rute e a sogra Noemi. Aparecida-SP: Santuário, 1997. (Coleção Figuras Humanas).

Intimidades transvistas. São Paulo : Escrituras, 1997.

Casa de Tecla. São Paulo : Escrituras, 1998.